

VF, Flat 1, Little Dorchester Crt., 139 Pavilion Rd., London SW 1.

(44-1) 235-1891

20/8/80

90 X

Meu caro amigo Milton; "voltamos" anteontem, depois de ter visitado o Viki em Aix, e discutido longamente com o arquiteto os vários problemas de Robion. A casa já tem cara, e a aldeia é de fato "cidade morta", (como você diz), de forma que a convivência com os caboclos locais não me parece ser problema. O propósito desta carta não é, no entanto, relatar viagens, mas discutir tua crítica de Naturalmente. E isto como pretexto para discutir a problemática do meu trabalho em curso.

Decidi, como você sabe, escolher o ensaio curto como veículo da minha "mensagem", e isto por três razões: (a) a forma convém a minha maneira de pensar e a meus assuntos. (b) cada ensaio representa uma conferência ou uma aula. (c) Cada ensaio pode ser publicado individualmente em jornal ou revista. Mas há o seguinte problema: cada ensaio tende a se fechar sobre si mesmo. A coletânea de ensaios não tem a discursividade de um "tratado". Isto pode ser vantagem: o discurso pode não ser veículo para pesquisa para-fenomenológica, a qual é dança quântica de ponto de vista em ponto de vista em torno de um assunto. Mas pode também ser desvantagem: o discurso é metódico e disciplinado, a coletânea tende a ser caótica e dispersiva. Concretamente: a primeira coletânea, ("Force du Quotidien"), provocou a segunda, ("Naturalmente") esta a terceira, ("Gestos"), e esta está provocando atualmente a quarta, ("Sintomas de pos-indústria"). Mas essa digamos assim organicidade da série não se reflete no texto, apenas na minha mente. Para o leitor a série não é fluxo, mas amontoado de saltos. De fato: que fio pode ele descobrir entre a "bengala" no "Force", o "Cedro" no "Naturalmente", e o "Programa" na última série que deixei com M. Helena para você publicar na RBF?

Pois na tua crítica você diz que não sou senhor da minha própria obra, e que os ensaios esparsos se organizam apontando para a conclusão final. Esta tua "sentença", (nos dois significados do termo), é de suma importância para o meu futuro trabalho. Você cumpriu o papel de crítico: decodificou o trabalho para o leitor e para o emissor do texto. Não que não tenha eu realizado o fio unificador daquilo que faço: estou consciente dele. Mas ignorava que tal fio é perceptível para outros.

Caro Milton: o problema não é "formal", mas fundamental: nos meus saltos de cá para lá, (cultura-natureza-corpo-aparelho, ou França-Israel-Inglaterra-Brasil), você decifra a unidade que eu não ousou afirmar. Você não pode me esclarecer mais a respeito, você cuja integridade enraizada lhe permite ampliar os seus horizontes por método que me é inacessível? Ou será que os nossos métodos, (caminhos, buscas, que sabe-je?), são complementares? Responda com calma de Itatiba, e faça bater à máquina tua resposta. Já é difícil decifrar teu pensamento, para quê acrescentar a decodagem da letra?

Abraços e, (já) saudades.